

# SOS MULHER – A IDENTIDADE FEMININA NA MÍDIA PENTECOSTAL

Maria das Dores Campos Machado  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil

**Resumo.** Trata-se de uma análise da mídia pentecostal com o objetivo de verificar a “imagem” da mulher transmitida por esses grupos religiosos: seus papéis, comportamentos e relações na família, na comunidade religiosa e na sociedade mais ampla. A inclusão de temas como o aborto, planejamento familiar, sexualidade, participação feminina na política e no mercado de trabalho sugere que, seja em atendimento as demandas das leitoras, seja pela incorporação de mulheres no seu corpo editorial, os dois grupos tentam se alinhar com os processos sociais que afetam a identidade feminina. As possibilidades da construção de uma imagem mais positiva e afirmativa das mulheres, bem como os limites dessa redefinição da identidade do gênero feminino no universo pentecostal serão apontados nas conclusões dessa comunicação.

**Abstract.** The present article analyzes data collected during a one-year study on media usage by two of Brazil’s most important Pentecostal churches: the Assembly of God and the Universal Church of the Kingdom of God. With the purpose of ascertaining how women are ‘presented’ in these media, the research project explored these women’s roles, behavior, and relationships not only in their domestic settings but also within their religious communities and society at large. The inclusion on media agendas of such issues as abortion, family planning, sexuality, and women’s participation in politics and on the job market suggests that both groups endeavor to align themselves with other social processes and to keep pace with changes affecting women’s identity – whether in response to audience demands or because more women have joined their editorial bodies. The conclusion of this article discusses to what extent the Brazilian Pentecostal universe may be constructing a more positive, affirmative image of women and what the limits of this redefinition of female identity may be.

## *Introdução*

Em 1997, num seminário realizado na cidade de São Paulo, feministas, jornalistas e pesquisadores concluíram que, a despeito dos movimentos de mulheres, a grande mídia brasileira apresenta ainda uma pauta bastante restritiva quando se trata da cobertura de temáticas femininas (Pacheco 1997). A mídia religiosa, particularmente a evangélica, só recentemente tornou-se objeto de análise de especialistas em Sociologia da Religião ou em Comunicação (Fonseca 1997; Gouveia 1998; Machado & Fernandes 1998). Entretanto, já se fala numa “reengenharia do feminino pentecostal” na programação televisiva de alguns grupos religiosos, sugerindo mudanças na identidade de gênero divulgada nas “comunidades eletrônicas”. (Gouveia 1998)

De fato a literatura vem assinalando a afinidade entre as condições sociais e a subjetividade feminina, por um lado, e o tipo de religiosidade desenvolvida nas comunidades pentecostais, por outro (Burdick 1998; Machado 1996; Mariz & Machado 1994). Assim, um dos principais fatores de atração das igrejas que se multiplicam por todo o continente seria a ênfase concedida às questões domésticas e de interesse imediato das mulheres pobres que, constituem a maioria dos seus adeptos. Os investimentos crescentes nos meios de comunicação por parte de vários grupos pentecostais nos remete de imediato a seguinte indagação: existiria uma continuidade entre as estratégias desenvolvidas nos templos e na mídia pentecostal ou o padrão de desigualdade observado na agenda dos veículos não religiosos também se aplicaria na imprensa e na programação eletrônica pentecostal?

Com objetivo de viabilizar o processo de investigação desdobramos essa questão mais geral em quatro indagações mais pontuais:

- 1) Qual a relevância de temáticas como: participação feminina no mercado de trabalho, a posição da mulher na hierarquia religiosa, a sexualidade, o planejamento familiar e a saúde feminina nessa mídia?
- 2) Para além da pauta, qual o espaço concedido as profissionais do sexo feminino nas redações, programas televisivos e radiofônicos produzidos pelo grupos pentecostais?

- 3) A presença de mulheres em diferentes veículos dessas denominações expressa uma redefinição da identidade feminina por parte desses grupos religiosos?
- 4) E, qual é a contribuição dessa mulher para a revisão da situação de injustiça social em que se encontram os segmentos femininos que compõem a base do pentecostalismo?

Para participar desse debate e ajudar a encontrar respostas para algumas dessas questões, concentramos no exame da mídia de duas igrejas – uma neopentecostal, a Universal do Reino de Deus e uma pentecostal clássica, a Assembléia de Deus – investigando sua pauta e o papel reservado às mulheres no período entre setembro de 1996 a agosto de 1997.

### Amostra e Metodologia

A investigação simultânea de mídias distintas requer a combinação de técnicas diferentes de coleta de dados: o *clipping* para os meios de comunicação impressos – jornais e revistas – e a gravação e posterior *decupagem* das fitas com os programas televisivos e radiofônicos. Da mesma forma as especificidades ou a variação dos recursos empregados nos veículos pesquisados – articulação do som e da imagem no caso da TV, a combinação dos recursos da palavra impressa e das fotos nos jornais e revistas e a ênfase no som pelo rádio – implicam num esforço diferenciado na análise do material levantado.

A amostra foi delineada nos três primeiros meses de pesquisa quando tomamos contato com os meios de comunicação das duas denominações, definimos os periódicos, os programas radiofônicos e televisivos a serem monitorados. Na mídia impressa trabalhamos com dois jornais – *Folha Universal* e *O Mensageiro da Paz* – e três diferentes revistas – *Mão Amiga* e *Plenitude* (IURD), *Seara* (AD). Na mídia televisiva acompanhamos e gravamos nove programas da IURD<sup>1</sup> e os dois programas produzidos e transmitidos pela AD em horários alugados em distintas Redes de Televisão<sup>2</sup>. Para compensar esta desigual participação na TV, monitoramos na mídia radiofônica dois programas da IURD<sup>3</sup> e cinco da AD<sup>4</sup>.

A dimensão da amostra pode ser avaliada nos quadros abaixo:

#### Quadro I

Mídia Impressa consultada entre 01/09/1996 e 31/08/1997

Veículo	Nome	Igreja	Periodicidade	Tiragem	Área monitorada em cm <sup>2</sup>	Exemplares
Jornal	Folha Universal	IURD	Semanal	950.000/1.067.000	1.785.888,00	55
Revista	Mão Amiga	IURD	Bimestral	5.000	36.288,00	01
Revista	Plenitude	IURD	Trimestral	20.000	33.495,00	02
Jornal	Mensageiro da Paz	AD	Semanal	60.000	351.538,00	12
Revista	Seara	AD	Mensal	25.000/30.000	204.750,00	08

#### Quadro II

Mídia Eletrônica monitorada entre 01/09/96 e 31/08/97

Veículo	Igreja	Tempo monitorado em minutos	Número de programas selecionados
Rádio	AD	6.666,00	5 / 4
Rádio	IURD	6.844,00	4 / 2
Televisão	AD	1.624,00	2 / 2
Televisão	IURD	29.479,00	9 / 6

Superada a fase exploratória os registros relacionados ao nosso campo temático foram lançados num formulário padrão que considerava 1) o tema; 2) os atores sociais; 3) a abordagem; 4) o tempo em minutos ou a área/coluna, 5) os argumentos apresentados nas matérias das diferentes mídias e, posteriormente, transferidos para um banco de dados que proporcionaria uma real avaliação da importância de cada tema para os dois grupos religiosos. Essa fase piloto da pesquisa levou-nos a optar pelo acompanhamento dos seguintes tópicos: aborto, adultério, AÍDS, casamento, gestação, homossexualidade, mídia<sup>5</sup>, mulher/Igreja, mulher/trabalho/política, orientação sexual, planejamento familiar, prostituição, saúde da mulher, violência sexual, violência contra a mulher e outros – ação beneficente relacionada ao campo temático; abuso sexual; adoção; assédio sexual; práticas e costumes.

*Com o controle remoto nas mãos e a atenção nas mulheres*

Uma primeira confrontação dos dados indicou que a IURD tem maior poder de comunicação, distanciando-se da AD tanto no número de horas e programas veiculados quanto na audiência dos mesmos. Tendência semelhante foi identificada na mídia impressa, com a primeira denominação revelando uma capacidade superior de circulação de seu jornal e, conseqüentemente de vendagem. Além disto, constatou-se diferenças na cobertura de nosso campo temático na mídia impressa, radiofônica e televisiva das duas igrejas, demonstrando a IURD uma maior abertura para as questões de saúde feminina, direito reprodutivo e planejamento familiar. Distintamente da AD que concentra suas matérias em torno destas temáticas nos meios de comunicação impressos, sabidamente de menor impacto na sociedade, a Universal mostrou-se mais flexível usando todos os seus veículos de comunicação para falar de temas polêmicos no meio religioso, como o aborto, a contracepção e a AIDS.

As modificações na pauta dos veículos da AD, com a incorporação crescente de novos temas ao longo do período investigado<sup>6</sup>, parecem relacionadas com a competição com a IURD, particularmente com a estratégia dessa denominação de explorar em seus meios de comunicação problemas que afetam o dia a dia da maioria das famílias brasileiras. A incorporação de temas até então ignorados pela mídia religiosa e a abertura para o debate com representantes da sociedade civil tornaram visíveis a ruptura da IURD com a tradicional postura pentecostal de “apartamento do mundo” afetando a relação das grandes igrejas com a mídia. Ainda que tenha optado por transformar a Rede Record em uma televisão comercial, reduzindo o tempo dedicado aos programas religiosos, a IURD durante o período da pesquisa abriu espaço para médicos, juizes e políticos comprometidos com as demandas dos movimentos de mulheres, assim como para os representantes e militantes de diferentes movimentos sociais.

O acompanhamento sistemático das mídias impressas e eletrônicas das duas igrejas revelou a grande dificuldade dos grupos

religiosos em manter as programações e publicações de uma forma mais duradoura. No caso da AD esta dificuldade se explica em parte pelo fato da denominação não dispor de uma Rede de Televisão e ou uma estação radiofônica na região e no período investigados, ficando a mercê do aluguel de horários em estações comerciais. Assim sua programação televisiva e radiofônica é menor, seus programas mais rápidos e vulneráveis as mudanças de canais e interrupção. No caso das publicações verificou-se que a Casa Publicadora das Assembléias de Deus – CPAD – aprimorou a edição do jornal mensal *O mensageiro da Paz*, retirou de circulação no final do ano de 1996 a revista *Nosso Lar* publicada há várias décadas, e interrompeu temporariamente a circulação da revista *Seara*.

Da mesma maneira que fomos obrigados a realizar adaptações na investigação do uso da mídia pela AD, tivemos que enfrentar as alterações na grade de programação da Igreja Universal do Reino de Deus e a interrupção da publicação da *Revista Mão Amiga* que foi substituída em nosso estudo pela revista *Plenitude*. No caso da televisão no início do mês de janeiro vários programas saíram do ar. Nas manhãs de sábado foram suspensos três programas: o *Espaço Evangélico* (90 minutos), o *Falando de Vida* (150 minutos), e o *Primeiro Mundo* – (60 minutos). Na programação de segunda a sexta verificou-se a interrupção da transmissão de *Jesus Verdade* – (60 minutos), e do *25ª Hora* – programa que se destacou na nossa pesquisa pelo debate com especialistas, políticos, militantes dos movimentos sociais e pastores de temas como planejamento familiar, aborto, AIDS, etc.

Fruto de uma interferência direta do Bispo Macedo, conforme reportagem da Revista *ISTO É* (15/01/1997), e com o objetivo central de manter sua capacidade de atrair fiéis, as mudanças na televisão evidenciam a opção pelos programas de caráter mais religioso e doutrinário em detrimento dos debates com participantes da sociedade civil. A ênfase nos testemunhos fica clara quando se verifica que o programa diário *Palavra de Vida*, até então transmitido entre 00.30 a 03.30, torna-se mais longo terminando às 05.00 da manhã.

Nessa programação, além dos depoimentos dos fiéis que falavam de suas vidas em resposta às perguntas e comentários dos pastores, a criação de vinhetas contando de forma teatral as agruras das pessoas que procuram a IURD e como elas se transformaram depois da conversão vem juntamente com as minisséries reforçar a dimensão religiosa, espiritual ou doutrinária das soluções para os problemas humanos. De modo que, se por um lado, aposta-se na empatia dos testemunhos e na fórmula de sucesso comprovado das minisséries, por outro reduz-se o espaço antes reservado aos médicos, juízes, representantes dos movimentos sociais e políticos e aumenta-se a participação dos recém-convertidos e dos próprios pastores. Este novo arranjo empobreceu a programação, constituindo um recuo ao que observamos no primeiro quadrimestre da pesquisa.

Se uma das principais conseqüências destas mudanças foi o refluxo da cobertura de temas polêmicos como aborto, planejamento familiar, AIDS, etc., e o crescimento do tempo dedicado a temática do casamento, não se pode ignorar também os desdobramentos no tipo de abordagem dos atores privilegiados - adeptos, bispos, pastores, pastoras e esposas dos dirigentes da IURD. Levando suas companheiras para o estúdio das TVs para ajudar no atendimento ao telefone dos aflitos que pedem oração e para participar das entrevistas por eles realizadas, bispos e pastores parecem ter percebido a “importância” da presença feminina comentando, intervindo e aconselhando os convidados e passaram a dar visibilidade àquelas que sempre deram suporte ao trabalho de evangelização. A mesma estratégia foi adotada no programa assembleiano *Renascer* onde o Pastor Silas Malafaías passou a dividir com sua esposa um quadro dedicado á literatura evangélica, ficando esta responsável pela divulgação dos romances e livros de interesse das mulheres e ou irmãs.<sup>7</sup>

A inclusão das esposas dos pastores e ou bispos-apresentadores dos programas televisivos, além de reforçar a imagem da igreja pentecostal como a “restauradora” ou no mínimo a defensora da “família sangüínea”<sup>8</sup> – evitando separações, a prática do adultério, a violência doméstica<sup>9</sup> e diminuindo as distâncias entre os pares –, não consegue imputar uma abordagem distinta às questões

tratadas nestes programas. Podendo ser interpretada também como uma resposta das igrejas pentecostais às iniciativas da Igreja Católica, particularmente à vinda do Papa e à eleição da Família como tema central de suas pregações no Brasil, a participação feminina restrita às “mulheres dos pastores” reforça a opção atual pela argumentação moral e religiosa no debate em torno das temáticas de nosso interesse.

Isto fica mais claro quando se verifica a função destas “esposas” dos líderes religiosos nos novos programas. De modo geral, dialogam com as telespectadoras que podem participar do programa via fax, telefone ou e-mail, acerca dos problemas domésticos, uma vez que predominam as reclamações em relação aos maridos adúlteros ou viciados em jogo, bebida e drogas. O aconselhamento sugere que as mulheres aflitas tomem os testemunhos dos programas – e não raro estes testemunhos são dados pelos próprios religiosos – como exemplos de que tudo pode ser transformado em suas vidas, independente da “dimensão do problema”. No discurso das novas “apresentadoras” percebe-se a intenção de legitimar os conselhos ou opiniões emitidas pelos homens em função da solidez do lar cristão, ou do seu próprio núcleo familiar.

Confirmando o reforço aos papéis tradicionais das mulheres, embora abrindo-lhes espaço nos meios de comunicação e, portanto na esfera pública, pastores e Bispos apresentadores dos programas *Palavra de Vida e Despertar da fé* referem-se às suas parceiras como “enfermeiras de Deus”, destacando-se a contribuição feminina no aconselhamento e na oração pelos ouvintes que telefonam para o programa. Nesse sentido, as mudanças exigem cautela com relação aos prognósticos relativos ao nosso campo temático.

As mulheres de pastores da IURD – três – já atuavam no programa radiofônico *SOS Mulher*, transmitido durante duas horas de sábado. Com uma pauta que vai da saúde feminina, anticoncepção, aborto até a estética e a depressão, este programa, entretanto, teve sua frequência alterada ao longo de nossa investigação, deixando de ser semanal para ser transmitido quinzenalmente. A presença de jornalistas femininas da área de reportagem foi constatada em apenas

dois programas televisivos monitorados: no quadro “De Mulher para Mulher” do *Falando de Vida* (IURD) e no *Movimento Pentecostal* (AD) que tinha entre seus apresentadores uma repórter.

### *Mulheres na redação e na produção de notícias*

Com o sugestivo título “Entre Nós Mulheres”, a *Revista Seara* da Assembléia de Deus, criou no segundo quadrimestre da pesquisa uma coluna assinada por uma mulher com objetivo de debater os problemas femininos. Psicóloga clínica e pertencente aos quadros da comunidade assembleiana de Belenzinho, São Paulo, Sônia Pires Ramos é um exemplo interessante para a análise dos efeitos do recrutamento de profissionais do sexo feminino na pauta da mídia. Na matéria intitulada “Haja Fôlego, Haja Graça!” essa colunista fala das atividades femininas, permitindo-nos constatar a permanência do modelo tradicional da mulher “cristã” mesmo entre aquelas fiéis escolarizadas, engajadas no mercado de trabalho e pertencente a classe média.

*“Definimos ‘papeis’ como sendo as nossas atribuições. É um modo estruturado de participação. Abrange um grande número de tarefas, sentimentos e pensamentos adequados e, talvez, alguns privilégios. Nossa vida é uma sucessão de papéis. Não é fácil! Todo os dias, desafios: ser esposa, mãe, administradora do lar, cooperadora na igreja e, às vezes, desempenhar atividades profissionais.” (Sônia Pires Ramos, Revista Seara, Ano 40, n. 1, Dezembro de 1996)*

A ordem dos papéis atribuídos á mulher não é aleatória, ela coloca em último plano e mesmo assim como algo ainda não muito comum (“às vezes”) a profissionalização feminina. Os exemplos de mulheres retirados da Bíblia para ilustrar essa coluna reforçam nossa interpretação de que os atributos femininos valorizados são os da ordem tradicional de gênero. “Dorcas, a mulher benevolente, que costurava e se preocupava em fazer boas obras, ajudando aos pobres de sua igreja”; Abigail que, “com sua coragem, prudência e sabedoria desempenhou seu papel de apaziguadora e

conciliadora”; e, Ana que “conseguiu desempenhar seu papel de mãe ideal com muita graça”.

Em março de 1997 o jornal *Mensageiro da Paz* trouxe um artigo para comemorar o dia internacional da Mulher: “*Mulher sem nome*”. Assinado pela jornalista Dinaura Barcelos, membro da AD em Boston, o artigo discute a condição feminina tomando como fio condutor a situação das inúmeras mulheres que aparecem na Bíblia identificadas simplesmente pelo vínculo e/ou laço de parentesco com um homem ou pelo seu próprio sexo. A partir de um exemplo bíblico, onde ao anonimato soma-se uma outra característica que é o da enfermidade, que debilita e impede a “postura ereta” da “filha de Abraão”, pretende-se discutir a condição de opressão e injustiça em que se encontram milhares de mulheres na sociedade atual.

*“A história dessa mulher pode ser identificada com a de milhões de mulheres imersas no anonimato, no Brasil e em todo o mundo. São mulheres encurvadas pela marginalidade e rejeitadas pelas diferenças de cor e sexo; preteridas por causa de sua condição social; encurvadas pela opressão do espírito; entregues ao abandono ou presas ao passado que lhes impede de olhar para cima e enxergar o futuro. Muitas ainda estão sendo ideologicamente forçadas a olhar somente para baixo, pressionadas pela sociedade ou pelo grupo a que pertencem, ou até mesmo pela própria família que não crê na sua potencialidade ou teme sua capacidade de transformação [...] Outras oprimidas pela injustiça, são entregues ao desemprego ou subemprego, desprotegidas de benefícios e direitos sociais. Situação que ofende os olhos de Deus e daqueles que os amam.”* (*Mensageiro da Paz*, Ano LXVIII, n. 1320, março de 1997, p. 9)

O anonimato sabemos expressa a assimetria nas relações de gêneros e a posição subalterna das mulheres frente aos homens, mas em nenhum momento a articulista identifica homens e mulheres como grupos cujos interesses podem e têm assumido um caráter predominantemente conflitante. A opressão aparece associada ao espírito, à família, à sociedade, ao grupo a que pertence. Mas sem qualquer referência a relação de gêneros fica difícil entender porque falar da injustiça, do desemprego e subemprego feminino, quando tantos são os parceiros das mulheres que vivem nestas mesmas

condições na sociedade contemporânea. Se a sociedade não é pensada em termos de homens e mulheres que estabelecem padrões de relacionamento muitas vezes desfavoráveis ao gênero feminino, pode-se quando muito falar de uma situação geral de injustiça social, sem avanços reais para o debate da “nova postura das mulheres”.

O que pretendíamos com esses exemplos das duas profissionais da mídia pentecostal era mostrar os limites das mudanças oriundas da incorporação de novos atores sociais na redação dos periódicos – as mulheres. Vimos que a abordagem religiosa, ainda que apropriando-se de argumentos científicos, constituiu uma camisa de força que junto com os compromissos com a hierarquia religiosa – androcêntrica, diga-se de passagem – permite uma adaptação as tendências em curso na sociedade mais ampla (aumento da chefia feminina, feminização da pobreza, crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho, etc.), mas não ajuda na compreensão da condição subordinada das mulheres e, portanto no seu combate.

### *Do casamento á política*

Embora o formato desse artigo não permita uma análise detalhada de como as diferentes mídias tratam os temas de nosso interesse, teceremos aqui algumas considerações sobre os dados mais importantes. Começemos pela ênfase no casamento – encontra-se entre os cinco temas mais explorados em todos os veículos de comunicação monitorados – o que reforça a tese de uma certa continuidade entre templo e a mídia no que se refere a definição das estratégias e prioridades dos grupos pentecostais e neopentecostais. Tomando a mídia eletrônica da IURD como exemplo, foram gravadas 47 horas dedicadas a esse tema na TV Record e nove horas na programação radiofônica transmitida no período de 01/09/96 e 31/08/97.

O exame da flutuação dos temas ao longo dos três quadrimestres que compõem o período da pesquisa revela um incremento na cobertura do tema casamento na mídia da IURD a partir

Assuntos do universo temático segundo a cobertura, o veículo eletrônico e a denominação

TV	1°	2°	3°	4°	5°
IURD	Casamento	Saúde da mulher	Prostituição	Adulterio	Homossexualidade
AD	Homossexualidade	Orientação Sexual	Mídia	Mulher/igreja	Casamento
RÁDIO	1°	2°	3°	4°	5°
IURD	Casamento	Saúde da Mulher	Mulher/ Trabalho	Adulterio	Prostituição
AD	Homossexualismo	Casamento	Mídia	Adulterio	Prostituição

Assuntos do universo temático segundo a cobertura, o veículo impresso e a denominação

JORNAL	1°	2°	3°	4°	5°
IURD	Casamento	Mídia	Saúde da mulher	Prostituição	Homossexualidade
AD	Mídia	Casamento	Saúde da mulher	Mulher/igreja	Homossexualidade
REVISTA	1°	2°	3°	4°	5°
IURD	Saúde da Mulher	Mulher/ trabalho	Mídia	Gestação	Casamento
AD	Orientação Sexual	Casamento	Prostituição	Homossexualismo	AIDS

de janeiro de 1997, mês em que, como afirmamos anteriormente, iniciaram-se as alterações na grade da programação televisiva e a participação feminina na mesma. A opção por esse assunto tem impacto negativo na cobertura de outras questões importantes para as mulheres pobres, como é o caso do planejamento familiar. O refluxo na cobertura desse item da pauta é significativo e merece registro: enquanto no primeiro quadrimestre da pesquisa (01/09 a 31/12/96) esse tópico foi explorado em 3 horas e 45 minutos de debates, entrevistas e comentários, no segundo quadrimestre (01/01/97 a 30/04/97) essa questão consumiu apenas 1 minuto e 25 segundos da programação monitorada, apresentando certa recuperação no terceiro quadrimestre (01/05 a 31/08/97) quando ocupou 51 minutos do programa 25ª Hora que voltou a ser transmitido nesse período. As explicações para essas variações encontram-se no jogo da compe-

tição religiosa e econômica, nas alianças políticas e nas estratégias adotadas por esse grupo neopentecostal. Como tratamos das mudanças na pauta dessa mídia em outro artigo (Machado 1998) não nos alongaremos aqui nesse item.

Quando analisamos a distribuição temática na programação eletrônica e nos periódicos da AD, o que chama atenção é o espaço reservado à problemática da homossexualidade. Registros foram constatados em todas as mídias, embora nos veículos impressos, esse não seja o assunto mais explorado. É importante ressaltar que a maior parte das matérias sobre esse tema é de natureza religiosa e expressa os valores e opiniões morais dos membros da hierarquia. A IURD, embora combata o homossexualismo, mostrou-se um pouco mais aberta ao diálogo, convidando para os debates em torno desse tema representantes de entidades civis e militantes do movimento Gay. Essa talvez seja a oportunidade para assinalar a importância da atuação desses atores na mídia pentecostal. Acreditamos que a presença de médicos, assistentes sociais, juizes, psicólogos, e representantes dos movimentos sociais constituiu uma variável fundamental para uma abordagem mais favorável aos grupos minoritários e o tratamento de temas polêmicos como o aborto, AIDS, homossexualismo e planejamento familiar.

A saúde da mulher foi um tema presente em todos os veículos da IURD e possibilitou um debate maior com os profissionais da área médica alinhados com demandas importantes dos movimentos de mulheres – o atendimento médico com o esclarecimento e a distribuição gratuita de meios contraceptivos, a ampliação da lei do aborto para os casos de anomalia fetal, etc. Destacam as coberturas jornalística (cento e noventa e duas matérias numa área correspondente a quatro páginas e meia de um exemplar desse jornal) e a radiofônica (treze matérias num tempo de aproximadamente 21 horas). Na televisão foram identificadas cento e doze referências a esse tema (num tempo de aproximadamente 19 horas) enquanto na revista quatro matérias ocuparam uma área equivalente a 3 páginas da revista.

É interessante observar a inclusão no tema da saúde feminina de questões ligadas a estética e aos cuidados com corpo. A

mulher da IURD deve se orgulhar de ser mulher e isso implica em cuidados especiais com a aparência e, portanto em vaidade. Deve se manter “bonita” e “cheirosa” para seu esposo, para seus filhos, para Jesus e para sua família de fé. Assim a osteoporose, a tensão pré menstrual, o câncer de mama etc. são tratados juntamente com a lipoaspiração, o alisamento do cabelo e as massagens faciais em programas como o *SOS Mulher*.

Esse tema mereceu menos atenção por parte da AD, particularmente em sua programação eletrônica: na televisão não se identificou nenhum registro sobre essa problemática e nos programas de rádio apenas uma menção de 3 minutos foi constatada. O *Mensageiro da Paz* trouxe vinte e nove matérias, ocupando uma área equivalente a 71% de uma página do referido periódico. Já a revista *Seara* apresentou onze matérias em torno desse tema, reservando um espaço equivalente a quase duas páginas daquele periódico.

Duas outras temáticas importante para verificar a imagem feminina predominante nos meios de comunicação dessas igrejas são as que relacionam a mulher com a comunidade religiosa e com o mercado de trabalho. Processos sociais – crescimento da participação feminina na população economicamente ativa e na chefia dos domicílios, a existência de movimentos em defesa dos direitos das mulheres, etc. – começam a estimular o debate sobre a identidade feminina nos meios de comunicação monitorados. Matérias sobre o engajamento da mulher na economia formal ou informal, na vida política e na hierarquia religiosa sinalizam essa tendência e foram verificadas nos veículos das duas igrejas, ainda que a cobertura desses temas seja ainda tímida<sup>10</sup> e diferenciada nas mídias das duas igrejas.

Enquanto a relação mulher/igreja foi explorada em todos os meios de comunicação da AD, com destaque para a programação televisiva e a cobertura jornalística onde aparece como o quarto tema mais explorado de ambos, a inserção da mulher no mercado e na política foi uma temática mais freqüente na mídia da IURD. Só para se ter uma idéia da inversão de prioridades, a área do *Mensageiro da Paz* reservada a relação da mulher com a igreja é quatro

vezes maior do que aquela identificada na *Folha Universal*. Quando o tema é a participação feminina no mercado de trabalho e até mesmo na política a cobertura do jornal da IURD ocupa uma área seis vezes maior do que aquela registrada no *Mensageiro da Paz*.

Estes dados chamam atenção se lembrarmos que embora não tenham uma presença contínua e efetiva nos meios de comunicação, existem mulheres pastoras na IURD (5 no Estado do Rio), enquanto na Assembléia de Deus esta segue sendo uma questão bastante polêmica. Aqui, faz-se necessário uma análise mais qualitativa da cobertura das temáticas: quem são os atores sociais que abordam-nas, qual a natureza de seus argumentos – religiosa, jurídica, moral, social, etc. – e a relevância dessa matéria no conjunto do que foi veiculado pela mídia durante esse período de um ano.

Vimos anteriormente que a simples presença de profissionais do gênero feminino na mídia da AD não é suficiente para uma mudança significativa na imagem das mulheres transmitida pelos meios de comunicação. Sem dúvida alguma trata-se do início de um processo importante que requer uma revisão na relação da Mulher com o sagrado e, portanto, de seu lugar na hierarquia religiosa. Esse debate no interior da igreja já existe e começa a se tornar público através dos seus veículos de comunicação. Registramos uma matéria na imprensa confrontando abertamente as posições de dois pastores sobre a liderança feminina nesta igreja. Enquanto o Pastor Israel Sodré escreve contra o exercício feminino dos ministérios pastoral e presbiteral, argumentando que “não havia mulheres entre os 70 discípulos”, o Pastor Fernando Grangeiro defende o melhor aproveitamento das fiéis lembrando que

*“sete entre 10 missionários que hoje estão no campo são mulheres. Por isso, é hora de agir dentro de um quadro realista. Importa é que elas sejam santas e lavadas pelo sangue de Jesus. Ou aceitamos os fatos bíblicos que registram feitos de verdadeiras heroínas da fé em deus ou perdemos a oportunidade do Senhor em usar mulheres santas, como acontece em nosso meio.”* (Seara, ano 40, n. 1, dezembro de 1996, p. 48)

Pesquisas quantitativas comprovam que os fiéis da IURD são muito mais abertos a participação feminina na hierarquia religiosa do que os membros da AD. Segundo os dados da pesquisa Novo Nascimento do ISER (Fernandes 1998: 116) enquanto 83% dos fiéis da primeira denominação são favoráveis a que a mulher exerça a função de pastora este índice cai para 46% entre os assembleianos. Seguindo a mesma tendência 80% e 68% dos membros da IURD admitem que as mulheres sejam consagradas a diaconisa/presbítera e a Bispo, respectivamente. Já entre as assembleianos os índices dos que aceitam a participação feminina nestas funções cai para 61% e 42%, respectivamente.

No que se refere a mulher trabalhadora ou a profissionalização feminina crescente, a literatura sociológica identifica como uma importante “conseqüência não intencional” da adesão ao pentecostalismo a revisão das fronteiras entre o “público” e o “privado” e a redefinição das relações de gênero que favoreceriam as mulheres pobres na luta pela sobrevivência e educação de seus filhos (Tarducci 1994). Na construção desse novo ethos familiar uma variável importante seria a conversão dos homens que provocaria a ruptura com a identidade masculina hegemônica nas sociedades latino-americanas e os aproximariam do universo doméstico. (Brusco 1994; Machado 1996; Mariz & Machado 1997a) Mas mesmo nos lares onde tal conversão não ocorra, elementos doutrinários como a Teologia da Prosperidade legitimariam a entrada das mulheres pentecostais no mercado de trabalho formal ou informal (Mariz & Machado 1997b).

A IURD que no Rio de Janeiro é constituída majoritariamente por mulheres e é uma das difusoras da Teologia da Prosperidade no meio pentecostal brasileiro cobriu não só a temática da participação da mulher na economia como também na política. Essa cobertura é peguena, como já enunciamos, mas traz algumas novidades. Uma delas são as fontes adotadas. Percebeu-se o uso do relatório *Mais e Melhores Trabalhos para as Mulheres* da Organização Internacional do Trabalho (OIT), pesquisa *Gênero e Sociedade* realizada pela da Internacional Gallup e matérias de jornais e revistas de grande circulação no país. Esse tipo de fonte garantiu uma abordagem mais

crítica em relação as condições das mulheres no mercado de trabalho, na esfera da política e na vida social em geral.<sup>11</sup> A matéria “*Um salto alto no poder*” inicia-se com o seguinte parágrafo:

*“desde que adquiriram o direito de voto em 1932, as mulheres brasileiras vêem conquistando seu espaço na sociedade, seja integrando o mercado de trabalho, seja ocupando cargos de liderança. Rompendo as trincheiras do machismo, elas ocupam qualquer função profissional tanto na sociedade civil quanto na militar [...] Foram décadas de preconceito, até a mulher conseguir mostrar que sua capacidade e competência não eram diferentes da masculina. Inculcar esse pensamento na mente das pessoas também não foi tarefa fácil. Foram necessários anos de trabalho para provar que elas podiam ser boas ou melhores que os homens em suas funções.” (Folha Universal n. 238 setembro/outubro de 1996, p. 1, 2. caderno)*

Matérias salientando a Política de Ação Afirmativa em favor da mulher foram identificadas na mídia impressa logo após a eleição de 1996, quando uma candidata apoiada pela igreja conseguiu a façanha de ser a vereadora mais votada da Câmara Municipal de Belo Horizonte. Apresentadora do programa radiofônico *SOS Mulher* na capital mineira, Maria Helena Alves Soares, candidata do PFL foi eleita com 13.061 votos e segundo a *Folha Universal* graças a IURD.

*“O mais impressionante na vitória de Maria Helena é que ela nunca tinha se candidatado antes e era completamente desconhecida nos meios políticos. Funcionária pública e diretora licenciada da Associação Beneficente Cristã de Minas Gerais, a nova vereadora trabalhava na recuperação de presidiários, prostitutas e viciados em drogas...”*

Apesar de sua projeção, Maria Helena não foi a primeira mulher a ser estimulada à participar de uma disputa eleitoral. No pleito de 1992, Magaly Machado foi eleita vereadora da cidade do Rio de Janeiro e em 1994 tornou-se Deputada Estadual. Neste mesmo ano, Edna Macedo, irmã do bispo Edir Macedo se candidatou pelo PPB e foi eleita com 45 mil votos para a Assem-

bléia Legislativa do Estado de São Paulo. Assim como Maria Helena e Magaly, a deputada paulista reconhece a importância do apoio da comunidade religiosa em sua vitória eleitoral e associa sua entrada na esfera política às orientações da hierarquia religiosa. Em entrevista à Revista Mão Amiga, essa parlamentar afirmou: “todos nós nascemos com o espírito político dentro de nós. Uns desenvolvem e outros não, e a Igreja viu em mim uma pessoa dinâmica, esforçada, no sentido de querer ajudar as pessoas.”

Sabemos que o estabelecimento de cota mínima por sexo nas disputas eleitorais estimula a revisão das estratégias daqueles grupos que querem se transformar numa força política no cenário nacional. E são amplamente divulgadas as ambições da liderança da IURD nesse sentido. Restaria questionar se isso invalida o esforço de eleger mulheres para os cargos públicos ou se pode ser tomado como um sinal de uma mudança nos papéis femininos naquela comunidade religiosa. Além disso, seria preciso acompanhar o trabalho dessas mulheres nas Câmaras Municipais e Assembleias Legislativas para verificar o impacto de sua presença naquela casa, particularmente no que se refere a defesa dos interesses dos grupos femininos e pobres.

### *Considerações Finais*

A análise da mídia pentecostal nos anos de 1996 e 1997 sugere um esforço de adaptação dos grupos religiosos aos processos sociais em curso na sociedade brasileira. Seja pela ampliação da pauta, seja pela assimilação de apresentadoras e profissionais do sexo feminino, percebe-se uma tendência de crescimento do espaço concedido às mulheres. Tal fenômeno deve ser acompanhado de forma atenta e crítica uma vez que apresenta características ambíguas e/ou contraditórias. Da mesma forma que a simples incorporação de temáticas relacionadas ao universo feminino não garante uma abordagem que efetivamente ajude as mulheres, a participação das pentecostais nos meios de comunicação das suas denominações não é uma condição suficiente para uma ruptura

com o ideal feminino cristão e com a ordem de gêneros hegemônica na comunidade religiosa.

Uma experiência recente dessa pesquisadora com um veículo de comunicação aqui avaliado ilustra bem o caráter ambivalente da redefinição da identidade feminina na mídia e nas comunidades pentecostais. Diante da proximidade do Dia Internacional da Mulher, fui procurada pelo *Jornal Folha Universal* para falar sobre o “importante papel das mulheres na obra de Deus”. Falei durante uma hora sobre o paradoxo de uma igreja constituída majoritariamente por mulheres apresentar um número bem reduzido de pastoras. A matéria foi feita, aproveitaram algumas informações estatísticas sobre a base social da comunidade religiosa, mas todos os meus comentários sobre a assimetria de poder dentro da estrutura eclesiástica foram cortados. A “censura” aos trechos relativos à participação feminina nos cargos mais elevados da hierarquia sugere dificuldades do grupo pentecostal em debater a desigualdade de gêneros quando é o poder religioso que está em questão.

Numa conjuntura em que as mulheres – pastoras, missionárias, obreiras e/ou fiéis – são preparadas para a disputa eleitoral em torno de uma cadeira nas Câmaras de vereadores de vários municípios do Brasil, como explicar que o debate sobre a disparidade na consagração de homens e mulheres seja evitado? Tudo indica que a ambição política da IURD e a lei eleitoral que tenta atenuar as disparidades nas candidaturas masculinas e femininas contribuem para a participação das mulheres nas disputas em torno do poder político. O comportamento parlamentar das representantes aqui lembradas segue a lógica corporativista, com as pentecostais lutando no legislativo pela ampliação das benesses e direitos de sua comunidade. Enfim, naquele espaço não ameaçam a autoridade e o domínio religiosos, ao contrário trabalham para sua expansão.

## Notas

<sup>1</sup> O Despertar da Fé, Falando de vida, Espaço Evangélico, Ponto de Vista, Primeiro Mundo, Jesus Verdade, 25ª Hora, Palavra de Vida, Falando de Fé.

<sup>2</sup> Renascer (CNT/Record) e Movimento Pentecostal (Manchete).

<sup>3</sup> Na fase inicial foram monitorados: Reunião dos Milagres, Ponto de Fé, Palavra Amiga e SOS Mulher. A partir do segundo quadrimestre o monitoramento concentrou-se nos dois últimos programas.

<sup>4</sup> O Evangelho no Ar, Assembleia de Deus em Petropolis, Celebrando Deus com o Planeta Terra, De Volta a Bíblia e Assembleia de Deus de Mutua

<sup>5</sup> A inclusão do item mídia pareceu-nos importante tendo em vista a histórica resistência da AD frente ao uso da mídia eletrônica, particularmente a televisiva, e ao intenso debate percebido em seus veículos desde o início do monitoramento. Só para se ter uma idéia, no jornal *Mensageiro da Paz* a área reservada a essa temática perfaz 46% da cobertura do campo temático durante o ano todo de pesquisa. Quando deslocamos nossa análise para os dados da IURD, percebe-se que o espaço reservado a essa temática é proporcionalmente inferior em todos os veículos monitorados e isso porque a relação da igreja com as novas tecnologias da área de comunicação, até mesmo com a Internet, é de rápida assimilação, não se identificando discussões em torno da legitimidade da evangelização eletrônica como no caso da AD.

<sup>6</sup> A programação televisiva na primeira fase do monitoramento (setembro/dezembro de 96) abarcava 7 dos temas selecionados. Na fase final (maio/agosto de 97) foram registrados 9 temas. No rádio, jornal e revista a variação foi de 7, 13, 11 para 11, 15 e 17 respectivamente.

<sup>7</sup> No caso da AD, identificamos cinco programas apresentados por mulheres e produzidos em Manaus. Como só conseguimos assistir esses programas depois que o monitoramento estava no segundo quadrimestre e seus horários eram incompatíveis com aqueles que já vinham sendo monitorados, eles não foram gravados e não constituem objeto dessa análise.

<sup>8</sup> Como grupos minoritários e enfrentando um grande preconceito no interior da sociedade brasileira, as igrejas pentecostais sempre valorizaram mais a “família de fé” do que os laços carnavais, até mesmo para encorajar aqueles fiéis que sofriam pressões em seus lares a seguir sua opção religiosa.

<sup>9</sup> Tema muito importante uma vez que no ano de 1997 os boletins de ocorrência registrados nas Delegacias Especiais de Atendimento às Mulheres quase atingiram a faixa dos 220 000, “número que está longe de expressar a realidade das mulheres espancadas na esfera privada”. (Veja, 1998)

<sup>10</sup> Se formos considerar o tempo em termos absoluto reservado a temática da mulher/igreja pela televisão da IURD e pela programação da AD veremos que foram dedicados respectivamente 37 e 22 minutos de toda programação monitorada durante um ano.

<sup>11</sup> Quando a abordagem é religiosa percebe-se uma visão negativa do trabalho feminino “A liberação feminista levou a mulher a expor-se além dos limites da ética, do bom senso, da razão e do sentimento. Em virtude disso, a mulher passou a executar no dia a dia, no lar e fora dele, inúmeras tarefas que Deus não destinou para ela. Uma das conseqüências disso é a crescente incidência de doenças psicogenas, cujo índice é hoje maior na mulher do que no homem, principalmente no hemisfério sul.” (Pastor Antônio Gilberto, Revista Seara, Ano 40, n. 1, dezembro de 1996, p. 19)

## Referências bibliográficas

- BRUSCO, E. (1994) “The Reformation of Machismo: Ascetism and Masculinity among Colombian, evangelicals”. In: Virginia Garrand-Burnett and David Stoll (editors), *Rethinking Protestantism in Latin America*. Philadelphia: Temple University Press. pp: 143-158.
- BURDICK, J. (1998). *Procurando Deus no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora MAUAD.
- FERNANDES, R (1998). *Novo Nascimento – Os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política*. Rio de Janeiro, ISER/MAUAD.
- FONSECA, A (1997). “Evangélicos e Mídia no Brasil”, Rio de Janeiro, Tese de Mestrado, UFRJ/IFCS.
- GOUVEIA, Eliane Hojai (1998) “Imagens Femininas – A reengenharia do feminino pentecostal na televisão”. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- PACHECO, F. [relator]. (1998). *Mulher e Mídia – Uma Pauta Desigual?*, São Paulo: Redesaúde e CFEMEA, Brasília.
- MACHADO, M. D. C. (1998). “Family, sexuality, and family planning?”. In: B. Boudewijnse; A. Droogers & F. Kamsteeg (ed.) *More Than Opium*. Lanham, Maryland: Scarecrow Press, Inc. pp. 169-202.
- \_\_\_\_\_. (1997). “Mulheres: da pregação pentecostal ao debate sobre sexualidade, saúde reprodutiva, aborto e planejamento familiar”. In: M. Schpun (org.) *Gênero sem Fronteiras*. Florianópolis: Editora Mulheres. pp. 169-203.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Ed. Autores Associados.
- \_\_\_\_\_. (1996). “Sexual values and family planning among Charismatic and Pentecostal Movements in Brazil”. In: *Reproductive Health Matter*. London, nº 8.
- MACHADO, M. D. C. & FERNANDES, S. (1997). “Mídia Pentecostal: Saúde Feminina, Planejamento Familiar em Perspectiva”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: UERJ.
- MARIANO, R. (1995). “Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando”. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo.
- MARIZ, C. L. & MACHADO, M. D. C. (1997<sup>a</sup>). “Pentecostalism and Women in Brazil” in Cleary, E. L. e Gambino H. W. S. in *Power Politics and Pentecostals in Latin America*. Colorado: Westview Press.
- \_\_\_\_\_. (1997b). “Mulheres e práticas religiosas – um estudo comparativo das CEBS e Comunidades Carismáticas e Pentecostais”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 34. São Paulo: ANPOCS.

- \_\_\_\_\_ (1994). "Pentecostalismo e a Redefinição do Feminino". In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, Volume 17, n. 1/2. pp. 141-159.
- MELO, J. (1997). "A Polêmica do Aborto na Imprensa" In: *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, Vol. 5, nº 2.
- TARDUCCI, Mônica (1994). "O Senhor nos libertou". In: *Cadernos Pagu*, 3. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp. pp. 143-163.